ANAIS

III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS

III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS

III CEPIAL
CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA
Semeando Novos Rumos

Eixo 7

"POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL"

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

Eixo 7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

MR7.1.- Políticas de Saúde, Meio Ambiente e Educação: Desafios latino- americanos

EMENTA

A mesa apresenta as relações intrínsecas entre saúde, meio ambiente e educação, fortalecendo uma visão interdisciplinar na qual a educação, como determinante cultural da sociedade, configura-se como eixo principal nas condições ambientais e de saúde pública dos países. Em segundo lugar a mesa se propõe a analisar a importância da política publica e seus desafios, considerando a necessária transição de uma política centralista para uma descentralizada; e de uma visão setorial para uma inter ou intrassetorial. Por último a mesa se propõe a analisar criticamente os desafios socioambientais da região e as políticas públicas de educação, saúde e meio ambiente elaboradas para responder a aqueles desafios, a partir de uma visão bidimensional, marcando as diferenças entre o discurso da política pública e a ação concreta, que nos assola. Propõe ainda apresentar um caso de política pública local, nacional e regional.

Coordenador: Arlindo Philippi Junior: Universidade de São Paulo - (USP – BRASIL)
Álvaro Cardona Saldarriaga: Universidad de Antioqua - (COLÔMBIA)
Lisardo Osório Quintero: Universidad de Antioqua - (COLÔMBIA)
Ipojucan Calixto: Universidade Positivo (UP - BRASIL)
Daniel Luzzi: Universidade de São Paulo - (USP – BRASIL)
Octávio Elísio Alves de Brito: presidente do Unesco-HidroEX - (UNESCO – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E CRÉTIDOS DE CARBONO NO BRASIL: UM OLHAR DA ANÁLISE ECONÔMICA DO DIREITO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL **(autor(es/as): Antonio Lorenzoni Neto).**

DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL: UMA ESTRATEGIA DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO FOMENTO A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS **(auto(es/as): Fernanda Fonseca da Fonseca).**

SERVIÇO SOCIAL, CULTURA E EDUCAÇÃO: BASES PARA UMA NOVA CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PROFISSÃO NO SÉCULO XXI **(autor(es/as): Gleidson Alves Pantoja).**

UMA CONTRIBUIÇÂO DO CURSO DE PEDAGOGIA PARA A ERRADICACÂO DO ANALFABETISMO **(autor(es/as): Maria Onide Ballan Sardinha).**

GRANDES USINAS HIDRELÉTRICAS NA AMERICA LATINA: O ACESSO À ENERGIA ELÉTRICA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÓMICO **(autor(es/as): Markus Gustav Fendel).**

GOVERNAÇA TERITORIAL NA FRONTEIRA MERCOSUL: SAUDE E MEIO AMBIENTE EM DEBATE **(autor(es/as): Maurício Pinto da Silva).**

FORMAS DE EXCLUSIÓN SOCIAL EN LA COMUNA DE OSORNO: APROXIMACIONES INTERDISCIPLINARIAS **(autor(es/as): Víctor Hugo Venegas Giacomozzi).**

MR7.2. Ministério Público e Políticas Sociais

Coordenador: Saint-Clair Honorato Santos - Procurador Público do Paraná – (BRASIL)
Gustavo Javier Gimena: Procurador Geral da Câmara de Apelação da Província de Tucuman - (ARGENTINA)
Enrique A. Viana Ferreira: Procurador - (URUGUAY)
Nicia Regina Sampaio: Promotora Pública do Espírito Santo – (BRASIL)
Margaret Matos de Carvalho: Promotora Pública do Paraná – (BRASIL)

MR7.4. Soberania alimentar, economia solidária e sustentabilidade: o papel da universidade

EMENTA

Esta mesa propõe o debate sobre o papel da universidade frente aos condicionantes sociais e econômicas que influenciam a cultura, a Soberania, a Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN) e, por conseguinte, a sustentabilidade dos povos latino-americanos . O fortalecimento das ações em prol de movimentos como: economia solidária, agroecologia, projetos e práticas socioambientais serão pautados de forma a subsidiar e aprofundar o debate. Nesse sentido, serão enfatizadas as experiências que apontem para estratégias e modelos alternativos de convivência e preservação (natureza e cultura) que priorizem o manejo sustentável, o uso e a difusão de tecnologias capazes de fortalecer as unidades políticas e as ações, como um movimento de transformação da sociedade protagonizado por aqueles e aquelas que lutam por uma sociedade mais justa e equitativa no campo e na cidade do continente latino-americano.

Coordenadora: Islândia Bezerra – Universidade Federal do Paraná - (UFPR - BRASIL)
Gracialino Dias: Universidade Federal do Paraná - (UFPR - BRASIL)
Carlos Alberto Cioce Sampaio: Universidade Federal do Paraná - (UFPR - BRASIL)
Julián Perez: Universidade Federal da Fronteira Sul e Rede Ecovida – (UFFS - BRASIL)
Valter Bianchini: Representante da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação no Paraná - (FAO - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

DIREITO HUMANO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA (DHAA) E POLÍTICAS PÚBLICAS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM RETRATO DA EXECUÇÃO DO PNAE NO TERRITÓRIO CENTRO SUL DO PARANÁ **(autor(es/as): Andreia Perussolo Dos Santos).**

MUDANÇA DO HÁBITO ALIMENTAR EM CRIANÇAS SUBMETIDAS A TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO E/OU RADIOTERÁPICO NO HOSPITAL DO CÂNCER DE LONDRINA/PR. **(autor(es/as): Diana Souza Santos Vaz).**

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM DOURADOS/MS: UM CONCEITO MULTIVOCAL **(autor(es/as): Magda Luiza Mascarello).**

ARTESANATO UMA ALTERNATIVA DE INCLUSÃO PELO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO LITORAL DO PARANÁ **(autor(es/as): Mayra Taiza Sulzbach).**

FORMAS ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS: RESGATE DA RELAÇÃO SOCIEDADE-AMBIENTE ATRAVÉS DA AGROFLORESTA **(autor(es/as): Regiane Fonini).**

PRÁTICAS ALIMENTARES, IDENTIDADE CULTURAL E SOCIABILIDADE: A COMIDA NO CONTEXTO DAS FESTAS COMUNITÁRIAS **(autor(es/as): Carla Pires Vieira Da Rocha).**

SERVIÇO SOCIAL, CULTURA E EDUCAÇÃO: BASES PARA UMA NOVA CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PROFISSÃO NO SÉCULO XXI

RESUMO: O presente trabalho busca refletir sobre a metodologia do Serviço Social e suas intervenções no contexto das políticas de educação e de cultura. Resulta do trabalho de conclusão de curso intitulado **"PASSOS PARA UMA METODOLOGIA DO SERVIÇO SOCIAL NAS ÁREAS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA"**, que partiu de experiências extensionistas no Programa Luamim da Universidade Federal do Pará – UFPA, pioneiro no estudo científico da cultura no Curso de Serviço Social/UFPA construindo o método de intervenção social das Peças Interventivas de Paulo Martins e relacionando-as aos Círculos de Cultura de Paulo Freire, que utilizadas em conjunto com as técnicas do Serviço Social, conformam a metodologia empregada pelo Programa Luamim: peças interventivas na realidade, junto a crianças e adolescentes que vivenciam situações de violência e risco social na capital paraense; resultou ainda, das experiências no estágio na Escola de Aplicação da UFPA, onde desenvolvemos o plano de estágio do qual resultou o presente trabalho; dos aportes teóricos do método materialista dialético de visão do mundo, das técnicas do Serviço Social de Grupo, bem como dos demais procedimentos e técnicas do Serviço Social e de teorias que abordam o tema. Possibilitou discutir a inserção do Serviço Social nas áreas da educação e da cultura e as características que assumem seus procedimentos metodológicos nesse cenário; constatou que a inserção do assistente social no contexto da escola não é recente; que a contribuição do Serviço Social nas áreas da educação e da cultura é, ainda, uma necessidade imperiosa e, também, uma experiência bem sucedida; que o Serviço Social precisa ampliar e desenvolver suas ações no campo da educação; que a cultura constitui-se campo privilegiado para a atuação do assistente social; que a metodologia da profissão precisa ser pensada de forma ampla e condizente com as reais necessidades do ser humano usuário, no século XXI. Sobre os autores: Gleidson Alves Pantoja é Assistente Social, Mestrando de Serviço Social/UFPA, pesquisa os fundamentos do Serviço Social, além, das áreas da Educação e da Cultura, publicou em 2012, pela EDUFPA, "Violar e Violência: Dos limites da teoria à expansão da prática", coletânea proveniente da 3ª Semana Científico Cultural "A Casa dos Luamins"; Heliana Baia Evelin é Asistente Social, Professora da Faculdade de Serviço Social e do Mestrado em Serviço Social UFPA, Doutora pela PUC/SP com a tese "O Serviço Social no Contexto das Ciências da Cultura" (1994), publicou em 2012 pela EDUFPA, "Violar e Violência: Dos limites da teoria à expansão da prática", coletânea proveniente da 3ª Semana Científico Cultural "A Casa dos Luamins"; Silvia da Costa Stockinger é Assistente Social, Doutora em Sociologia pela UniWien/Áustria (1997), Professora de Serviço Social da Universidade Federal do Pará e Coordenadora do Grupo de Trabalho de Educação em Serviço Social do CRESS/PA.

INTRODUÇÃO

As inquietações da humanidade sobre sua origem levaram milhares de homens ao largo de anos a se ocuparem do estudo de si próprios. Paralelamente a isso, muitos outros explanaram a partir de suas acepções a respeito do que seria o homem. Essa movimentação nos levou ao grau de desenvolvimento dos conhecimentos sobre o homem e seu modo de viver que experimentamos hoje e, podem nos credenciar a alçar vôos mais altos, como é possível de vermos nas pesquisas com células-tronco embrionárias, das quais se especula o surgimento de um novo tipo de homem, "o clone". Não pode ser

diferente em relação às pesquisas realizadas no âmbito das ciências humanas e sociais, campo em que se insere o Serviço Social que participa ativamente do processo de formulações e proposições a respeito do individuo e sua cultura.

Sendo assim, discutir a metodologia do Serviço Social e suas possibilidades nos campos da Educação e da Cultura exige reconhecer e conhecer o desenvolvimento de tal disciplina ligada a evolução do homem e de seu meio desde seus primórdios até a atualidade. No decorrer das reflexões aqui apresentadas buscamos expor a trajetória histórica do Serviço Social e as movimentações no bojo do processo de desenvolvimento e consolidação da profissão, no sentido de elaborar e reelaborar seus métodos de intervenção na sociedade.

Falamos um pouco de nossa compreensão sobre a constituição do conhecimento, atribuindo a este um caráter dialético e inserindo-o no processo de formação do *pensamento cultural dialético* para, em seguida, tratarmos da importância da educação nesse mesmo sentido, abordando-a como um elemento indissociável e intrínseco do mesmo. Nessa construção, nos incutimos pelas definições e contornos dados aos conceitos de Educação e de Cultura, até chegar a sua dimensão institucional.

Em seguida apresentamos os resultados alcançados por meio de nossas experiências na vida acadêmica, em contato direto com as categorias da cultura e da educação, de maneira a ampliar as possibilidades de discussão sobre a metodologia do Serviço Social nesses dois campos. Ainda, nesse sentido, fazemos uma breve fundamentação - apoiada na legislação e em elaborações teóricas sobre o assunto – da necessidade e importância da inserção do assistente social no ambiente escolar. Fazemos um breve relato de nossas experiências no Programa Luamim: peças interventivas na realidade, de sua proposta de constituir espaços democráticos de construção do conhecimento através de metodologias próprias, que visam qualificar a intervenção do Serviço Social na busca pela promoção da cidadania de crianças e adolescentes que vivenciam situações de violência e risco social na cidade de Belém. Falamos também de nossa passagem pela Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará- EA-UFPA, que nos permitiu apreender melhor, a essência de nosso agir como profissionais.

Assim como em outros casos, nosso interesse pelo Serviço Social na área da Educação e da Cultura surge do contato com ambientes propícios ao envolvimento com os temas, nos debates nos grupos de estudo e pesquisas do Programa Luamim, refletindo sobre a metodologia do Serviço Social e as possibilidades dessa, nos campos da educação e da cultura. Ao contrário do que se possa aferir com base em nosso titulo, não

buscamos aqui empreender tarefa de provar ou comprovar a validade da metodologia do Serviço Social nas referidas áreas por meio de orientações e passos, como em um laboratório experimental.

Antes disso, queremos despretensiosamente, aprimorar nossos conhecimentos com a construção que fizemos com o intuito maior de contribuir para o que hoje se configura na práxis profissional do assistente social brasileiro.

HISTÓRIA E MÉTODO

O Serviço Social passou por inúmeras fases e também foram muitos os autores que se empenharam em interpretá-lo, buscando inclusive fundamentar o momento preciso de seu surgimento - como Vieira (1989), que o compreende em sua preexistência como um fato social e, portanto, nos marcos da sociedade e não da legislação - “a ajuda aos outros” - em todas as etapas se (re) formulou e ganhou novas feições de acordo com o contexto em que se encontrava e de acordo com a força ideológica predominante.

Para essa autora, para compreendermos o Serviço Social de hoje é necessário analisar suas formas passadas como a ajuda ao próximo, a caridade, a filantropia, situando-as no contexto em que se deram, ou seja, considerando a mentalidade, os recursos e as pressões que contribuíram para transformações, decorrentes de inúmeros acontecimentos, desencadeados pelo indivíduo à medida que se deparava com adversidades. (VIEIRA, 1989)

Para Natálio Kisnerman (1929 - 2006) o surgimento do Serviço Social, não deve ser interpretado a partir de um fato social como a ajuda aos outros. Segundo ele, os países onde a profissão deu seus primeiros indícios são, não por acaso, aqueles que primeiro se preocuparam com a necessidade de uma disciplina de caráter assistencial, que ajudasse a gerir os problemas da vida social. Porém, os estudos realizados sobre tais problemas eram atribuídos a escolas de Sociologia. Surge assim, na Europa com características próprias de uma disciplina como as demais de sua época, fortemente influenciada pelo positivismo e pelo protestantismo. (KISNERMAN, 1978)

> O Serviço Social surge assim claramente como uma forma de ajuda sistemática de orientação protestante, por um lado ou como forma prática da sociologia por outro. Negamos como antecedentes da profissão todas as formas de ajuda não sistemáticas, existentes desde a aparição do homem e que alguns autores persistem em assinalar como ações que ocasionaram a aparição do Serviço Social. (KISNERMAN, 1978: 19)

O perfil da profissão foi sendo assim moldado de acordo com as necessidades e a realidade das sociedades onde se formou. Escolas de filantropia, associação de mulheres trabalhadoras, organizações sociais de caridade, dentre outras. Na Europa tanto mulheres como homens podiam fazer parte dessas instituições e organizações. Em países como a Inglaterra, por exemplo, os homens integrantes da alta sociedade local, estudantes das universidades de Oxford e Cambridge, formavam a equipe da *Charity Organization Society (COS),* fundada em 1869 e, em Amsterdam aberto de igual forma a homens e mulheres, funda-se em 1899 o *Instituto de Formação para o Serviço Social*. (KISNERMAN, 1978)

Nos Estados Unidos da América reproduz-se a Charity Organization Society (COS) de Londres e com o objetivo de formar assistentes sociais, cria-se em 1898 a *Escola de Filantropia de Nova York*, por *Mary Ellen Richmond (1861 - 1928)*, a quem se deve, também, a elaboração do primeiro texto científico do Serviço Social o *"Social Diagnosis"* datado de 1917, sob orientação teórica do pragmatismo americano, que teve em Charles Peirce (1839-1914), John Dewey (1859-1952) e William James (1842-1910) importantes representantes. Nesse período o *funcionalismo* se instaura na escola de Serviço Social, apropriando características como *a autodeterminação do cliente, na neutralidade valorativa e nos serviços que uma instituição ou agência podem proporcionar*, e é também nesse período que a profissão se dá a novos métodos de estudo e intervenção (KISNERMAN, 1978)

O *Serviço Social de Casos* domina a profissão, no campo das orientações como método nos idos de seu surgimento nas Américas. Mas, a partir daí evolui para outras formas como o Serviço Social de Grupo e o Serviço Social de Comunidade. No Serviço Social de Grupo a *teoria da personalidade com a teoria dos pequenos grupos* centra-se no ajustamento coletivo, por meio de ações de lazer, em que o individuo se aprimore emocional e intelectualmente. No Serviço Social de Comunidade, permanece a orientação funcionalista, só que por meio de teorias *sociológicas desenvolvimentistas*. (KISNERMAN, 1978)

Não diferente do que ocorreu nos Estados Unidos, na América Latina o nascimento do Serviço Social teve traços inegavelmente europeus que prevaleceram durante muito tempo. A aristocracia católica da região representada pelo Dr Alejandro del Rio incentiva a fundação das primeiras escolas profissionalizantes em Serviço Social, sendo a primeira inaugurada por esse, no ano de 1925 em Santiago do Chile.

O Serviço Social brasileiro tem uma história recente e estudá-la ainda representa desvendar o desconhecido, principalmente quando nos indagamos sobre sua contribuição

passada e seus reflexos no presente, além do que, as constantes transformações a que está submetido e que dizem respeito ao processo de desenvolvimento da sociedade numa lógica fundamental e progressiva, nos permitem deduzir sua necessária reformulação e/ou reorganização, bem como a busca por novas ferramentas com as quais possa responder satisfatoriamente as demandas sociais do nosso tempo.

Aguiar (1985) nos mostrará que o Serviço Social brasileiro tem suas raízes na ação social da igreja católica, que se expressa no interesse desta de penetrar as esferas da sociedade através de uma intensa intervenção buscando resolver os problemas enfrentados pelo povo. Seu intuito começou a se concretizar, através de inúmeros movimentos e organizações a partir da Ação Católica, que tinha por finalidade agrupar os fieis e difundir as doutrinas da igreja buscando a reforma social e a eliminação do socialismo no mundo. A prática educativa da Ação Católica será enfatizada, à época, pelos documentos produzidos pelos prelados e voltados aos católicos. Inicialmente se voltará para as elites, na perspectiva de que essas, doutrinadas e preparadas, possam influenciar os demais indivíduos da sociedade.

Da preocupação da igreja católica com a educação dos fieis e através da Ação Católica, fundam-se os "Centros de Estudos e Ação Social" que deram origem às escolas de Serviço Social de São Paulo (1936), e Rio de Janeiro (1937), como de outros Estados. *A exemplo das escolas de São Paulo e do Rio de Janeiro, a maioria das escolas até 1950 terá a influência da igreja católica, tais como: Natal, Belo Horizonte, Escola Masculina do Rio e de São Paulo* (AGUIAR, 1985). *A Ação Católica (e por extensão o Serviço Social) prende-se a um projeto de recuperação da hegemonia ideológica da igreja – lutando contra o materialismo liberal e contra a agitação social de cariz anarco-comunista.* (CASTRO, 1993: 42 - 43).

Em sua trajetória, como vimos anteriormente, o Serviço Social tem um estreito vínculo com as ações sociais da igreja (ora protestante, ora católica), o traço caritativo marcou sua trajetória até os dias atuais quando está em voga negar aspectos significativos da história da profissão, num movimento que pretende suprimir o conservadorismo em prol de um pseudo revolucionarismo alienante. É o que podemos apreender da construção teórica de um dos mais conceituados autores do Serviço Social, Natálio Kisnerman, elaborada há várias décadas, mas que para nós prossegue coerente, pois ao que parece, pouco avançamos no sentido de determinarmos nossa real localização na sociedade, mesmo que já sejamos uma profissão consolidada.

Nossa compreensão de alienação se baseia nas palavras de Kisnerman (1978), para o qual: "(...) é a submissão a formas de controle e de poder, as quais estabelecem

um mundo de pseudos valores que deformam a forma de ser do homem." Para nós as correntes de pensamento e os métodos que influenciaram o Serviço Social, permanecem na profissão, apesar de muitos acreditarem ser predominante o materialismo e o método dialético, este apenas se sobressai nos discursos, pois a observação às ações tanto na vida profissional técnica, quanto na acadêmica, revelam manifestações com traços inquestionavelmente conservadores e consumistas, além de traços individualistas e micro-corporativistas, regionais ou não, típicos do sistema capitalista na pós-modernidade.

É válido frisar que não nos referimos aqui ao "leque" de possibilidades de atuação com o que, não raramente, somos identificados. Mas, substancialmente à identidade profissional amplamente discutida, porém, evidenciando fragilidades, sobretudo na relação teórico-prática dissonante quando, por exemplo, a imprecisão do alcance do Serviço Social e da metodologia empregada no esforço de atender à demandas especificas, podem desvirtuar o sentido real de sua ação, qual seja: servir a sociedade defendendo a liberdade, os direitos humanos, a ampliação e consolidação da cidadania, o aprofundamento da democracia, da equidade social, a qualidade dos serviços prestados à população - descrito nos princípios do Código de Ética Profissional e que podem ser resumidos em um de seus parágrafos: *"Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero".*

A idéia de ser o Serviço Social capaz de modificar a realidade social se tornou ao largo de anos pelo que nos parece, sinônimo de ser a profissão absolutamente materialista ou o que se constitui erro mais grave revolucionária – o problema que sinalizamos é que tal dimensão perdeu seu sentido próprio para dar lugar a uma interpretação descabida de que esta profissão serve uma classe e não o conjunto da sociedade – se devemos revolucionar algo através de nossa profissão, que seja a vida de nós todos, indivíduos sociais concretos e que comecemos a partir de nós, de nossa disciplina, potencializando o aprimoramento dos espaços democráticos de livre exposição de pensamentos, mesmo quando se realizam em trabalhos sob a orientação de correntes como o positivismo, pragmatismo e a fenomenologia, por exemplo, como podemos apontar as técnicas de intervenção com indivíduos, grupos e comunidades (Serviço Social de Casos, Grupos e Comunidades) que permanecem atuais para muitas profissões surgidas temporalmente a nossa.

No Serviço Social tradicional *o objeto foi o homem – ou melhor, as formas de controle e adaptação* desse - deslocado do conjunto social harmonioso e funcional, logo,

o Homem desajustado, necessitando de adaptação ao meio. No Serviço Social reconceituado *o objeto são as situações-problemas* provenientes das dificuldades sociais enfrentadas pelo Homem. Essa interpretação do objeto da profissão está fortemente relacionada à concepção de Homem em ambas as fases citadas pelo autor. Na primeira, o Homem era compreendido como objeto, posto que apresentava problemas sociais e necessitava ser adaptado aos padrões normais da sociedade. Na segunda, "o homem é um transformador do mundo", o construtor de si mesmo e do seu meio, o homem é o sujeito.

Encontramos no documento do Alto da Boa Vista – "Teorização do Serviço Social" (1984) - que *"o método científico parte da experiência, como todo conhecimento, e tem por objetivo a ordenação do mundo da experiência"*, logo, inferimos que o debate em torno do método do Serviço Social é uma preocupação constante no universo da profissão e que os esforços nesse sentido têm nos levado a construir contribuições significativas para as quais, às vezes, não damos a devida atenção. Ademais, as implicações advindas da fomentação de tal discussão – pôr a eficácia de uma determinada metodologia em xeque, por exemplo - nos colocam com precisão a importância de efetuarmos cotidiana e progressivamente com nós mesmos e com as demais disciplinas das ciências humanas e sociais, uma franca relação de reflexão-ação, com vistas a não permitir incorrermos no erro de perder ricos aportes tanto teórico, quanto práticos, elaborados no seio de nossa profissão.

EDUCAÇÃO E CULTURA

O conhecimento, *"é um fato social que surge da prática. (...)"* (KISNERMAN, 1978). Logo, necessita da realização de uma atividade para existir. Essa ação ocasiona a aparição de um novo estilo de vida que, em um dado momento, precisará ser modificado para atender as exigências da população humana em constante desenvolvimento, porém não desaparece totalmente e, os resquícios que ficam desse estilo somam-se ao largo dos tempos aos novos padrões gerados, representando o que denominamos de cultura.

Entender o conhecimento e a cultura como uníssonos é indispensável para a construção da representação de qualquer grupo social constituído de seres pensantes. Por esse motivo, no parágrafo anterior, para o qual nos baseamos na dialética do conhecimento, encontrada em Natálio Kisnerman (1978), propositalmente relacionamos o sentido do conhecimento para a humanidade com sua própria existência, isto é, com o processo de construção, aquisição e reconstrução (modificação/adequação) do conhecimento no convívio social, vital para o conjunto da sociedade. Esse processo se desdobra nas relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos e constitui ao "final"

suporte para a continuação desse processo, numa ação dialética. Entendemos que o processo dialético do conhecimento é acima de tudo dialética da cultura social de todo povo.

Para nós, dialética da cultura social diz respeito ao processo próprio de constituição da identidade social de um individuo ou grupo numa prática mútua e constante de alterações e aquisições de padrões nas relações estabelecidas entre si e com o intuito de garantir a transferência de saberes. Tal dimensão do pensamento cultural dialético é melhor explicitada nas relações de produção e reprodução da força de trabalho, em que se observa que as negociações em redor do modelo de homem socialmente desejável, deve se alinhar aos requisitos estabelecidos pelo sistema e para isso é primordial domesticá-lo no momento em que constrói sua identidade, isto é, no momento que se identifica com seu trabalho, com as ações que pratica.

A dialética do conhecimento de Kisnerman é subtraída de Kosic que a define como *"a explicação dos fenômenos sociais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico"* (KOSIC, 1967, apud KISNERMAN, 1978), sendo vista assim, tal dialética assume indiscutivelmente os contornos do pensamento cultural dialético da sociedade, pois se coloca como parte essencial da formação, desenvolvimento e transformação social. Em outras palavras, o conhecimento se apóia na prática cotidiana do homem concreto e dele extraia o material necessário para a produção e reprodução de si mesmo, de sua história. Não há ainda como separar, em nosso entender, homem e conhecimento, por isso esses compreendem ao mesmo tempo o sujeito e o objeto do processo em questão.

A educação nesses moldes se insere no contexto das ferramentas sociais com maior poder de transformação social. E para nós, a dialética representada nela, tem íntima semelhança com os aspectos culturais que compreendem o conjunto da relação estabelecida entre os sujeitos concretos na dinâmica da vida cotidiana da qual se gera saberes que, por sua vez, se sustentam na cultura gerada para reiniciar o processo criativo, constituindo assim, uma práxis revolucionária.

Para Abbagnano (2007) educação é a maneira pela qual os indivíduos transmitem informações importantes para a manutenção do grupo que compõem. O conjunto de técnicas destinadas a esse objetivo, ele denomina de cultura. Esse é um conceito geral que vigorou devido à importância do fato nas sociedades:

> Em geral, designa-se com esse termo a transmissão e o aprendizado das técnicas *culturais,* que são as técnicas de uso, produção e comportamento mediante as quais um grupo de homens

> é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto de modo mais ou menos ordenado e pacífico. (ABBAGNANO, 2007: 357)

De acordo com Laraia (2009), em fins do século XVIII e limiar do XIX, o termo alemão *kultur* era usado como símbolo de "*todos os aspectos espirituais de uma comunidade (...)"*, já a expressão francesa *civilization* fazia referência *"às realizações materiais de um povo".* Edward Tylor (1832-1917) fundiu esses dois termos na palavra inglesa *culture*, que *"tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (...)".* (GEERTZ, 1978, apud. LARAIA, 2009: 25)

Em Abbagnano (2007), cultura possui dois sentidos: em um mais antigo exprime "*a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento"* em outro *indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser chamados pelo nome de civilização.* Nos anos de 1700 houve uma transição do primeiro para o segundo significado devido à filosofia iluminista que acrescentou novos traços e consolidou outros relacionados ao termo.

As interpretações encontradas nesses autores fortalecem nosso entendimento acerca desses conceitos. Ver a educação como o modo de transmitir e exercitar as técnicas culturais de determinado povo e a cultura como a constituição do homem ou ainda o conjunto das maneiras de ser e de refletir cultivadas por esse, como os encontramos definidos em Abbagnano (2007), ou ainda, na conformidade da *culture* proposta por Tylor (LARAIA, 2009), nos conduz a compreender o contexto e reafirma a idéia de um pensamento cultural dialético. Assim, admitimos que o pensamento é, o modo subjetivo do conhecimento e, cultural, se relaciona com o modo objetivo do saber ou prática do conhecimento e ao mesmo tempo conjunto teórico-prático desse conhecimento dialético que é a representação da confluência de ambos.

Para Laraia (2009), Edward Tylor (1832-1917), definiu pela primeira vez o conceito de cultura como é utilizado na atualidade, ou melhor, formalizou essa idéia que já se desenvolvia na mente humana, como é possível ver a partir de escritos de John Locke (1632-1704), para o qual, em seu *ensaio acerca do entendimento humano* (1690), a mente do homem é uma espécie de *caixa vazia* com *capacidade ilimitada de obter conhecimento* por meio de uma técnica denominada atualmente de *endoculturação*. É Locke também que principiará as considerações em torno do relativismo cultural, quando

observa que a humanidade possui *princípios práticos opostos*. Para ele *os princípios de moralidade e as regras de virtude* de uma sociedade específica, podem ser aspectos irrelevantes para outro grupo social. O que faz de tais acepções, insignificantes na mentalidade dos indivíduos, é o modo peculiar do ambiente em que foram geradas e o contraste com as características, também típicas, dos possíveis ambientes que venham a ser inseridas. As várias concepções acerca da definição do que é cultura e que deram alargada dimensão desde Edward Tylor, a compeliram à demasiada confusão, ao contrário do que se esperava, fazendo com que a ordem da antropologia moderna seja contrair a amplitude do conceito para torná-lo ao ponto de vista antropológico.

A cultura como característica global e o conhecimento como elemento vital no processo de desenvolvimento da sociedade, assumem importância central no debate acerca das relações de produção e reprodução da vida no dia-a-dia. Após passarem por significativas e prolongadas mudanças, adquiriram em diversos países denotação regulatória (caráter legal), apreendidas no âmbito das políticas sociais e consecutivamente no contexto das políticas públicas de Estado.

No Brasil, em 1926 segundo Freitas e Biccas (2009), a revisão na Constituição de 1891 sublinhou a função estratégica do Estado, mais necessariamente da União, na propagação e concretização do ensino básico como componente fundamental da edificação do próprio domínio público. Era sinal de um plano de redefinição da atuação estatal com relação à educação, que mais tarde estaria contemplado na Carta Magna de 1934 sob a égide do direito social à educação. De acordo com Fernandes (2008) de forma pioneira, compassiva às alterações epistemológicas e nas ciências humanas e, sobretudo às reivindicações dos movimentos sociais, o legislador constituinte redigiu de maneira magistral o *"Princípio da Cidadania Cultural."* A partir deste momento (1988) passou-se a falar em direitos culturais, permitindo a sociedade exigir seu ingresso na roda dos benefícios advindos da cultura.

O caráter constitucional da educação e da cultura no Brasil, como vimos, evidenciou a falta de acesso a esses bens por grande parcela da população e por sua vez, mostrou o quanto é presente, ainda hoje, o desafio de universalizar tal acesso de maneira a conservar sua gratuidade com qualidade. A eclosão de movimentos sociais em defesa dos direitos sobre os quais versa a Carta Magna é mais antiga que o próprio instrumento em questão e se acentua justamente no bojo do sentimento pela redemocratização, que organizou as lutas de resistência contra a Ditadura Militar de 1964 culminando na construção do referido documento pelos atores desse processo.

A educação brasileira é sem dúvida, um conglomerado complexo e ímpar, formado pelos mais variados caracteres culturais. Valores, costumes, crenças e aspectos materiais da vida brasileira, resultam de influências dos diversos povos que passaram por aqui ao longo desses mais de quinhentos anos e deixaram sua marca na formação do que podemos chamar de “saber brasileiro”.

Caracteres Culturais são as múltiplas manifestações da identidade de um o povo. Expressos em sua história, seja do passado ou do presente, e que balizam a construção cotidiana de seu futuro. Esses caracteres culturais determinam a relação social, política e econômica do cidadão, que se apropria de valores subjetivos gerados no bojo dessas relações para se reproduzir, transformando de forma objetiva a materialidade social.

Em torno do saber constituído, debruçamos nossas reflexões diariamente, não importando se científicas ou populares, contribuímos para a práxis transformadora da realidade diariamente, independentemente do espaço acadêmico, gerando saber, produzindo conhecimento de forma livre.

BASES PARA UMA NOVA CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO SERVIÇO SOCIAL NO SÉCULO XXI

As manifestações em torno da inserção do assistente social no contexto da escola não são recentes. Do ponto de vista legal ocorre no Brasil ainda em fins da década de 1950, época de que se tem notícia da chegada ao Congresso Nacional (Câmara dos Deputados) da lei nº 5.692 (LDB), que somente foi aprovada em 11 de agosto de 1971 e que contempla em seu décimo artigo a necessidade do Serviço Social Escolar. Nesse mesmo sentido e com um teor mais específico, o PL nº 2.006/1974, modificou a referida redação e imprimiu um caráter mais explicito das funções sócio-ocupacionais do Serviço Social Escolar. Seguida deste PL, outro sob nº 1.995/1976 representa uma continuidade do anterior, porém, com traços ideológicos inegavelmente marcados pela conjuntura da época, situando a intervenção profissional do Serviço Social Escolar nos marcos da exigência da ditadura militar. (ALMEIDA, 2005)

Após esses surgiram vários outros PL’s com o objetivo de respaldar a prática da assistência social escolar em Estados e municípios do Brasil e, principalmente em São Paulo como o *PL nº 59, de 1978, o PL nº 374, de 1981, PL nº 336, de 1983, PL nº 517, de 1987 e o PL nº 442, de 1995,* todos no âmbito da Assembléia Legislativa do Estado; na esfera municipal, encontramos na Câmara Municipal de São Paulo *o PL nº 09, de 1984,* na Câmara Municipal de Ribeirão Preto, o *PL nº 1.455, de 1996, o PL nº 7.630, de 05 de março de 1997,* o da Câmara Municipal de Vitória *PL sn/2003 e a Lei nº 7.438,* de 03 de

julho de 2003 da Prefeitura Municipal de Campos dos Goitacazes que ao contrário das anteriores, vincula a obrigatoriedade do Serviço Social escolar através da Secretaria de Saúde e não pela Secretaria de Educação.

Voltando ao cenário federal, teremos na Câmara dos Deputados *o PL nº 3.689, de 2000 e em seguida o PL nº 837, de 2003*, neste, mudanças significativas são inseridas como a exigência não só de assistentes sociais, mas também de psicólogos, além de que se amplia em relação ao público abrangido em uma referência à educação básica que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio; nele aparece também a compreensão acerca da importância da multidisciplinaridade nos ambientes escolares e algumas demandas necessárias ao sucesso da proposta como a delimitação de uma proporcionalidade entre o número de profissionais e o total de alunos por unidade, que deveria restringir-se a um profissional de cada área a que se refere a lei para cada duzentos alunos e, acima deste número de educandos dois profissionais do Serviço Social e um psicólogo. (ALMEIDA, 2005)

A escola se constitui, de acordo com Ferreira (2004), *campo de intervenção para o profissional de Serviço Social.* Idéia essa que tem se desenvolvido no seio da profissão e também nas esferas de discussão da educação de forma positiva para uns e negativa para outros. No caso dos que a vêem de maneira positiva, a defesa se baseia preferivelmente nos problemas evidenciados pela escola no decorrer das últimas décadas em que se pôde observar um alargamento dos conflitos de ordem pessoal entre os membros da comunidade escolar, decorrentes de inúmeras situações e que demandam aparato metodológico específico da profissão na busca por saná-los, como nos diz Lopes (2010) para a qual *(...) supõem-se que os problemas socioeducacionais podem ser atenuados por meio da atuação interdisciplinar do Serviço Social, em conjunto com os demais agentes escolares da rede pública (...).*

Paralelamente às questões burocráticas, se acompanhou o desenrolar de manifestações várias e em diversos ambientes que mais tarde, assim como no caso da educação, propunham a inserção do Serviço Social no contexto da cultura. Não apenas com estudos e pesquisas, mas com práticas qualitativas que sinalizavam uma crescente propagação da consolidação interventiva na área da educação e o enriquecimento metodológico, além de novas possibilidades de atuação do assistente social. Verdade é que não há nestas a amplitude que alcançou a esfera educacional, mas não se pode cotejar tal exigência, posto que a história ainda modele os anos lúdicos de tal proposta, enquanto que em relação ao contexto educacional o acúmulo já é como nos foi possível ver, uma prerrogativa a se considerar.

Isso, contudo, não se insere no diâmetro de realizações do projeto e nem se configura em empecilho para sua expansão que já se encontra em muitas instituições por vários lugares do país. São exemplos da relação do Serviço Social com as práticas culturais em consonância com seu fazer profissional, programas e projetos desenvolvidos em todo o território nacional, como o Programa Luamim: peças interventivas na realidade da Universidade Federal do Pará, desenvolvido em Belém, que trabalha com o conceito de **peças interventiva na realidade,** por meio da qual se utiliza de aspectos da arte e da cultura para intervenção social e mediação de conflitos sociais em escolas dos bairros Guamá e Terra Firme.

O Luamim, como é comumente chamado, foi criado em 1992, pelo jornalista e poeta Paulo Roberto Martins Ferreira, a partir do poema (homônimo) de sua autoria, denominado *"Luamim: um anjo urbano"* (1991), que relata a história de uma criança vivenciando risco pessoal e social em uma metrópole, tendo sido publicado pela editora CEJUP.

A junção dos saberes da arte-educação e da comunicação social com os procedimentos do Serviço Social é apontada como ação desencadeadora do embrião do desenvolvimento de metodologias inovadoras que irão demarcar o espaço do Programa Luamim: peças interventivas na realidade, da UFPA, na cena cientifica e cultural da sociedade. Daí surge, em diálogo com os Círculos de Cultura de Paulo Freire (1921-1997) e com construções de outros pensadores como Martin Heidegger, Jürgens Habermas e Max Weber, o conceito de "*Peças Interventivas"* que Martins (2001) define como *"(...) uma parte da unidade, documento, a parte que faltava no processo, na coleção de instrumentos utilizados na intervenção social ante as novas exigências sociais e comunicacionais"*.

Para Evelin (2007), o Programa Luamim incentiva o protagonismo social de um modo singular de se fazer ciência, não excludente dos saberes populares, da arte e da cultura e busca através de suas iniciativas:

> (...) construir conhecimentos relacionados ao Serviço Social no contexto das ciências da cultura de forma a subsidiar a prática profissional mais qualificada na dimensão da ciência e consciência, contribuindo para que grupos excluídos possam ver atendidos os seus direitos constitucionais à cultura; (...) identificar novas peças interventivas empregadas na prática profissional de assistentes sociais e outros trabalhadores sociais; (...). (EVELIN, 2007: 14,15)

Outras experiências que podemos apontar nesse cenário, são o Projeto de Extensão Educação Pública e Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de

Janeiro (UERJ), criado em 1994 como resultante da articulação política *das experiências de estágio supervisionado a projetos de extensão universitária*, buscou consolidar o campo da educação, da cultura e do lazer, *como um campo de interesse teórico e profissional para os assistentes sociais*. Interpretando Gramsci (1988), ALMEIDA (2006), dirá que:

> A preocupação com a cultura acabou tomando uma direção particular na organização do projeto: a de situar a universidade como organismo cultural e, a partir desta afirmação, pensar, por um lado, a formação dos assistentes sociais dentro deste organismo e, por outro, o não acesso da população com a qual o Serviço Social trabalha os bens por ela produzidos e às condições necessárias para a elaboração da sua própria cultura. (ALMEIDA, 2006: 6)

O Projeto Rádio Margarida criado em 1991, como desdobramento da Pesquisa-Ação: "Belém de Nazar-Et, Portal da Amazônia", desenvolvida pelo assistente social e professor da FASS/UFPA, Osmar Pancera, e que também se apropria de aspectos culturais como subsídio de intervenção no cotidiano de crianças e adolescentes em situação de risco social. Nesse aspecto se destacam ações, estudos e pesquisas.

O estágio em educação e cultura, do curso de Serviço Social, da Universidade Federal do Pará surge como um desdobramento das ações do Programa Luamim: peças interventivas na realidade e acontece inicialmente tanto nas instalações do próprio programa, quanto no ambiente da Escola de Aplicação da UFPA e, posteriormente, na Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor "Eidorfe Moreira", no distrito de Icoaraci, espaços situados em Belém.

De forma pioneira, vários alunos de Serviço Social desenvolveram seus planos de estágio na Escola de Aplicação da UFPA, dentre esses, destacamos o intitulado "**Os Instrumentais do Serviço Social, os Aspectos da Cultura e as Experiências Do Assistente Social na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará"**, no qual destacaremos, ainda, a experiência com a formação de um grupo focal.

Das tarefas listadas no plano de trabalho, algumas merecem nosso destaque, principalmente as que se propuseram a experimentar a intervenção profissional por meio do teatro, podemos usar como exemplo, a atividade em parceria com a disciplina de Língua Portuguesa, ministrada aos alunos da quinta série em que se adaptaram textos trabalhados pela professora dessa disciplina com as turmas abordando as temáticas: "Chapeuzinho Vermelho e as trigêmeas" e "O Curupira", para uma peça teatral com base nos exercícios desenvolvidos por eles que consistiam em interpretação dos referidos textos e construção de uma história a partir dos mesmos. O figurino foi preparado pela

equipe de estagiários do Serviço Social, mas, isso não seria necessário se estivessem envolvidos os profissionais e formandos do curso de artes, que por motivos inerentes a dinâmica escolar não puderam participar. Sendo assim, o figurino se constituiu com peças consideradas chaves para o entendimento da narração proposta, com um roteiro sobre como poderia se processar o enredo e após tudo estar pronto foi sugerido aos alunos, já no momento da intervenção, que interpretassem uma das histórias escritas por eles. Esses responderam com entusiasmo, no entanto, foi necessário encontrar uma maneira democrática para eleger o trabalho a ser interpretado. Divididos em dois grupos, elegeram um trabalho cada, dando seqüência à atividade.

Após a interpretação/encenação dos textos, a assistente social deu inicio às discussões em torno do teor encontrado neles; a saber, narravam a história de uma menina (a chapeuzinho vermelho) e um menino (o curupira), que num cenário de destruição em uma floresta, lutavam para protegê-la de seus agressores. Por esses temas perpassavam outros como a preservação do meio ambiente, os perigos de uma cidade grande para as crianças, os valores negativos presentes nas atitudes do lobo mau e dos agentes do desmatamento e os valores positivos encontrados nas ações dos que buscavam a preservação do meio ambiente. Nesse cenário os estudantes chamados a opinar se dispuseram e expressaram suas opiniões de forma diversificada sobre o tema.

Foi possível perceber que muitos conseguiram captar o sentido geral da atividade – abordar os valores ligados às questões dadas. Relacionar os temas com o dia-a-dia e aos acontecimentos da conjuntura atual; com seus relacionamentos familiares e comunitários – quando, por exemplo, falavam do cuidado com o lixo produzido por eles e seus pares em uma mesma localidade, ou quando se referiram as formas cordiais de cumprimento a outras pessoas, como o porteiro da escola, ou ainda quando fizeram menção aos problemas que podem ocasionar as pichações nos banheiros e conflitos em sala de aula. Referiram-se aos assuntos enfocados em atividades anteriores como a que abordou a questão dos apelidos, intitulada “rótulos” e para a qual se fez uma abordagem dirigida usando uma dinâmica com o mesmo nome, que consistia na identificação de cada aluno com uma tarja contendo uma forma de expressão comumente utilizada como apelido e que geralmente declinava para a forma pejorativa. Sem que nenhum deles soubesse o que estava escrito, foram postos de frente uns aos outros em circulo para que ao girar um em sentido horário e o outro contrário, pudessem ver todas as tarjas em suas testas.

No momento da reflexão sobre a atividade, muitos alunos deram depoimentos sobre como se sentiam em relação a determinados apelidos com os quais eram identificados pelos colegas e, foram orientados a frisar que não gostavam de ser

chamados daquele jeito. Outros disseram julgar engraçado apelidar e que não o faziam por mal. Importante ressaltar o grau de participação dos sujeitos envolvidos no processo nesse momento e em particular com essa temática, que se credita interessante para esses, devido à freqüência com que preenchia o universo escolar e, como evidenciaram as falas, o convívio familiar e comunitário dos mesmos. Os relatos se encaminharam no sentido de reafirmar a existência de conflitos intra e extraclasse e de ordem familiar, provenientes não apenas dos apelidos, mas de uma cadeia de fatores que carecem de acompanhamento profissional das áreas das ciências humanas e sociais, nas quais está inserido o Serviço Social.

No ano seguinte as turmas foram formadas com alunos provenientes de várias outras da serie anterior, possibilitando a formação de um grupo focal - desse mesmo plano - em uma única turma. O grupo foi, assim, formado com estudantes da 6ª série, oriundos em sua maioria das turmas que foram atendidas pelo trabalho desse plano de estágio no ano anterior, utilizando-se para o desenvolvimento das reuniões com esse, as técnicas do Serviço Social de Grupos e nestas, dando continuidade à utilização das peças interventivas, acrescendo-as com o método de Paulo Freire – os círculos de cultura.

O estudo de grupos é indispensável para a compreensão da formação da sociedade da qual fazemos parte. Essa forma de organização é primordial para a formação social de um indivíduo. E se constituiu ferramenta importantíssima na coleta de dados e na busca por amenizar/sanar situações problemas oriundas dos rebatimentos da questão social no ambiente educacional. Foi através da técnica de grupo, subsidiando as intervenções do Serviço Social com os alunos que buscou encontrar respostas para as indagações acerca da metodologia profissional. De que maneira o assistente social da área da educação utiliza os instrumentais da profissão em interface com os aspectos culturais, para proceder sua intervenção? Qual a importância e eficácia da intervenção do Serviço Social no ambiente escolar? O que vem a ser um grupo?

O grupo é definido por Bottomore (1987) *"(...) como um agregado de indivíduos no qual: (I) existem relações definidas entre os indivíduos que o compreendem; (II) cada indivíduo tem consciência de seu próprio grupo e de seus símbolos. (...)"*. Para o autor um grupo possui pelo menos uma estrutura e organização rudimentares, as quais corresponderiam às características transferidas pelo meio social e um fundamento psicológico na consciência de seus membros.

Por sua vez, Kisnerman (1978), tratará do trabalho com grupos sob a visão materialista da história, definindo o Serviço Social de Grupo:

> (...) como método de educação psicossocial informal (...) quer chegar a formas mais amplas de terapia social, afim de que as comunidades se tornem agentes de sua própria mudança e bem-estar social. (...) o SSG é um meio para criar e desenvolver sentimentos de comunidade, enquanto os integrantes aprendem a dar e a receber, a intercambiar experiências, a compartilhar coisas, a trabalhar em cooperação, a elaborar conteúdos. (KISNERMAN, 1986: 13-14)

Logo, se partirmos do entendimento do autor sobre o método de grupo do Serviço Social e, da vivencia no espaço institucional de intervenção da profissão na EA/UFPA, veremos que ainda hoje existem profissionais atuando em instituições públicas e/ou privadas na mediação de conflitos, no planejamento e gestão dos recursos humanos, trabalhos comunitários e em ONG's, auxiliando na compreensão e superação de problemas estruturais e conjunturais, despertando nos indivíduos o senso crítico de sua realidade por meio do método de grupo. No *Grupo Focal*, constituído na EAUFPA, encontramos: problemas entre os membros do grupo, desses com os professores e suas disciplinas, com a equipe técnica da coordenação pedagógica e seus métodos de intervenção; inúmeras questões relacionadas ao convívio do grupo entre si e com outro grupo, com os demais indivíduos fora do grupo como a comunidade escolar, a comunidade onde moram, a família, etc.; processos conflituosos em seus círculos de relacionamento. Para, além disso, foi possível intervir em aspectos substanciais do universo pessoal e, sobretudo naqueles com forte vínculo grupal como é o caso da família, que ocupou desde o início centralidade nas discussões do plano ora destacado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço empreendido até o presente objetivou compreender na trajetória do Serviço Social (especialmente o brasileiro), quais alterações nos credenciam a propor uma rediscussão da metodologia profissional, mediante o julgamento de possibilidade de atuação dos assistentes sociais em novos campos.

Como se pôde perceber, ao longo do trabalho, o embasamento em conceitos e teorias das ciências humanas e sociais, bem como em experiências próprias com os temas desenvolvidos, em nossa passagem pela graduação, foram de suma importância na efetivação desse objetivo.

A credibilidade que temos na inserção positiva do profissional da assistência social nas áreas da educação e da cultura, aliada ao enorme aguçamento que tal tema nos desperta, contribuiu para incentivar a pesquisa rumo ao resultado ora apresentado. Contribuiu para a compreensão e maturação das discussões realizadas em torno dos

eixos norteadores de nosso trabalho e, sobretudo, para que ao longo da construção do mesmo, pudéssemos rever alguns conceitos em relação ao tema central abordado, a metodologia profissional. Nessa linha, apresentamos uma possibilidade de síntese da proposta explicitada no título.

Para isso, fez-se fundamental entender a construção da história do Serviço Social e nesta, a do método profissional. Foi indispensável também, explorar as teorias sobre educação e sobre cultura. Refletir sobre os direcionamentos dados por essas correntes ao desenvolvimento da vida social. Atentar para o momento histórico ao qual estão vinculadas e a importância que tiveram para o avanço da humanidade. Por fim, tornou-se imprescindível fundamentar o esforço teórico e os experimentos, explicitados nos tópicos que abordam a experiência do campo de estágio.

Podemos dizer que o empenho em propor uma rediscussão da metodologia do Serviço Social e a preocupação com uma metodologia própria das áreas da educação e da cultura, exigiu trilharmos um caminho em que três eixos se tornaram primordiais: I) a compreensão do Homem, das teorias sobre ele e, dos instrumentos e métodos de que se utiliza para sobreviver; II) a interpretação dos conceitos de educação e de cultura e as reformulações/alterações pelas quais passou para responder as necessidades do Homem e; III) as formas e meios que o Serviço Social pode se apropriar de tais saberes para balizar sua prática profissional.

Assim, as definições de homem e as teorias provenientes de tais, bem como a incursão pela história do Serviço Social, abriram caminho para um entendimento do método nas ciências humanas e sociais. E, nos ajudaram a solidificar a compreensão a respeito do método de grupos, utilizado nas experiências relatadas.

Portanto, para discorrer sobre método materialista e o método de grupos no Serviço Social e, a importância desse junto aos indivíduos, foi preciso saber que, “A opinião sobre o homem em que se baseia a pratica do Serviço Social de Grupo é oriunda de muitas teorias da personalidade; leva em consideração seu ambiente humano, natural e sócio-econômico (...)” (KONOPKA, 1980) que, o método materialista concebe a essência do homem a partir de duas visões, resultantes de dois momentos do progresso científico dessa linha de pensamento, em um – Manuscritos de 1844 - a essência consiste no trabalho e num trabalho alienado. Em outra – mostrada a partir de *A Ideologia Alemã* - a essência se encontra no conjunto das relações sociais, compreendendo, as relações do homem com a natureza e com outros homens.

Falar de educação e cultura implica entender tais, como manifestações dessas relações que os indivíduos estabelecem entre si e que são alteradas por ele à medida que

se reproduz, ou seja, conforme vai modificando a natureza para sobreviver. Ganham novas feições e se adéquam as necessidades apresentadas pelo processo de trabalho constituído no cerne da dinâmica humana. E cumprem um papel específico no direcionamento da vida em sociedade.

Podemos dizer a esse respeito, com base em Hannah Arendt (2001), quando nos expõe a questão da crise na educação e na cultura, que tanto em uma, quanto em outra os problemas se integralizam, tornando maiores os estragos causados por distorções no direcionamento dessas categorias na sociedade. Uma cultura de massas, por exemplo, e seus rebatimentos sobre a sociedade de massas (ou não), implicam necessariamente em mudanças substantivas no aspecto educacional da mesma. Bem como, essas mudanças na educação - a obrigatoriedade de se aprender uma língua estrangeira como o inglês, nas grades da educação de um dado país da America Latina, por exemplo – se constituem em impactos à cultura local, imprimindo uma marca do conjunto da crise. Surgem, portanto, nesse âmbito, expressões diversas do que o Serviço Social denominará de múltiplas expressões da questão social.

Nesse movimento, nos foi preciso entender também que, os meios que o homem utiliza para reproduzir-se adquirem significativa importância na ação exercida para garantir sua sobrevivência. E que o Serviço Social como uma disciplina das ciências humanas e sociais e como profissão inscrita na divisão sócio técnica do trabalho - na qual o homem aparece não por um acaso como agente possuidor da força motriz do processo produtivo – não pode prescindir a observância às influencias a que estão sujeitos seus métodos e técnicas, pois somente assim, poderá acompanha de maneira positiva as exigências impostas pelas novas configurações sociais da sociedade pós-moderna.

No entanto, essa atitude demanda um esforço constante de revisão teórico-metodológica e técnico-operativa, como nos diz SOUZA (2008), para o qual, o Assistente Social precisa “ser qualificado para conhecer a realidade social, política, econômica e cultural com a qual trabalha.” Sendo indispensável para tanto, “um rigor teórico e metodológico” que lhe proporcione abstrair o movimento real da sociedade “buscando apreender sua essência (e) construção de novas possibilidades profissionais”:

> (...) “deve conhecer, se apropriar e, sobretudo, criar um conjunto de habilidades técnicas que permitam ao mesmo desenvolver as ações profissionais junto à população usuária e as instituições contratantes (...) garantindo assim uma inserção qualificada no mercado de trabalho (...)” (SOUSA, 2008: 122)

Guerra (2000) dirá que *"a instrumentalidade é tanto condição necessária de todo trabalho social quanto categoria constitutiva, um modo de ser de todo o trabalho".* Logo, pensamos que os aspectos culturais de um indivíduo ou grupo, vistos como instrumentais, podem ser tanto condição necessária, quanto método do trabalho interventivo do assistente social.

A construção de novos instrumentais está inserida entre os aspectos de avanço profissional. Possibilitar a renovação da ação transformadora do Serviço Social é permitir que o aparato metodológico da profissão se reelabore, se reconstrua alcançando a totalidade das possibilidades de intervenção na realidade. Resignificar a práxis profissional, não pode ser outra coisa que não a constante preocupação em refazer o percurso interventivo com vistas a operar eficazmente o objeto de intervenção.

As experiências da utilização da arte como um aspecto da cultura, para intervenção do Serviço Social nas oficinas promovidas pelo Luamim com crianças e adolescentes dos bairros Guamá e Terra Firme em Belém, são forte impulsionadoras de nossa idéia e apontam a necessidade de o Serviço Social se dedicar mais às questões relacionadas aos saberes culturais do Homem, dedicando-se ao aprofundamento do conhecimento científico-filosófico a esse respeito.

Sendo assim, pequena se torna nossa contribuição com esse trabalho, se o compararmos à totalidade de esforços das profissões e em especial do Serviço Social e à colossal demanda encontrada no leito da sociedade brasileira e mundial em relação às ações destinadas a garantir vida digna ao Homem, e a assegurar que a existência e as conseqüentes relações do Homem sejam humanizadas em sua dimensão mais completa, sem que isso prejudique a coletividade.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, N. L. T. de. **Refletindo sobre o potencial instituinte de uma experiência de extensão universitária no campo do lazer e da cultura.** *In* Cadernos Especiais n. 40, edição: 20 de novembro a 18 de dezembro de 2006. Disponível em www.assistentesocial.com.br. Acesso em: 22/05/2010.

ALMEIDA, N. L. T. de. **Parecer sobre os projetos de lei que dispõem sobre a inserção do Serviço Social na Educação**. *In* Cadernos Especiais n. 26, edição: 04 a 25 de novembro de 2005. Disponível em www.assistentesocial.com.br. Acesso em 22/05/2010.

AGUIAR, Antonio Geraldo. **Serviço Social e Filosofia: das origens a Araxá**. S. Paulo: Agir, 1985.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BOTTOMORE, T. B. **Introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.334**. Congresso Nacional, 1993.

CASTRO, Manuel Manrique. **História do Serviço Social na América Latina.** São Paulo: Cortez/CELATS, 1993.

CÓDIGO DE ÉTICA DO ASSISTENTE SOCIAL**.** Resolução CFESS n. 273, de 13 de março de 1993**.** Publicada no DOU, Seção 1, de 8.6.1993, p. 7.613-7.614. Disponível em: <http: // www.cfess.org.br >. Acessado em: 22/05/2010.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Câmara dos Deputados. Brasília: Centro de Documentação e Informação. 2006.

EVELIN, Heliana Baia. Luamim: arte, ciência e protagonismo social. In EVELIN, H.; RIBEIRO, J.; BARROS, L. **Serviço Social e Resiliência na Ótica dos Direitos Humanos.** Belém, EDUFPA, 2007.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **A cultura no Ordenamento Constitucional Brasileiro: impactos e perspectivas.** Ensaios sobre Impactos da Constituição Federal de 1988 na sociedade brasileira. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2008. V. 2. (1005 p.) (série coleções especiais. Obras comemorativas; N.2).

FERREIRA, Vera L. M. **O Fazer Profissional do Assistente Social: um estudo em instituições escolares no município de Belém/PA.** Belém: Curso de Mestrado em Serviço Social, UFPA. 2004.Digitado

FREITAS, Marcos Cezar de. & BICCAS, Maurilane de Souza. **História Social da Educação no Brasil (1926_1996)** /Marcos Cezar de Freitas, Maurilane de Souza Biccas._São Paulo: Cortez. 2009. (Biblioteca Básica da História da Educação brasileira; v.3).

GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social.** São Paulo: Cortez, 2000.

KISNERMAN, Natálio. Sete **Estudos sobre Serviço Social.** São Paulo: Cortez & Moraes LTDA, 1978.

KISNERMAN, Natálio. **Serviço Social de Grupo: uma resposta ao nosso tempo;** tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1986.

KONOPKA, Gisela. Serviço Social de Grupo: Um Processo de Ajuda. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

LARAIA. Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. 23 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LOPES, Eleni de M. Silva. **Serviço Social e Educação: As perspectivas de avanços do profissional de Serviço Social no sistema escolar público.** Disponível em: <http//www.ssrevista.uel.br> acesso em 22/05/2010.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** São Paulo, Boitempo, 2009.

PLANO NACIONAL DE CULTURA é Aprovado no Senado. Encontrado em: http://www.arede.inf.br/inclusao/component/content/article/106-acontece/3546-foi-aprovado-o-plano-nacional-de-cultura. Acessado em 01/12/2010.

RÁDIO MARGARIDA: **Princípio, história e método de educação popular**/ Organização de Osmar Pancera. Belém: EDUFPA, 2002.

SOUSA, Charles Toniolo de. **A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional.** Emancipação, Ponta Grossa, 8(1): 119-132, 2008. Disponível em http://www.uepg.br/emancipação.

TEORIZAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL: Documento do Alto da Boa Vista. Rio de Janeiro, Agir, 1988.

VIEIRA**,** Balbina Ottoni. **História do Serviço Social: contribuição para construção de sua teoria.** São Paulo: Agir, 1989.